



**AUTODIDATISMO: AUXÍLIO NA LÍNGUA INGLESA**  
**Experiências vivenciadas por um autodidata habitante do Município de**  
**Ampére–PR<sup>1</sup>**

POLTRONIERI, Gabrieli B.<sup>2</sup>

SIQUEIRA, Jordana F. C. de<sup>3</sup>

SPADA, Einetes<sup>4</sup>

**Data de protocolo:**

**Data de aprovação:**

**RESUMO:** Neste trabalho propôs-se apresentar o conceito de autodidatismo, a importância do professor como mediador do conhecimento, o armazenamento e recordação de memórias no cérebro humano e a entrevista onde o objeto de estudo (o entrevistado, professor e autodidata Gilberto de Souza) compartilhou experiências e conhecimentos próprios dele. Assim, buscou-se demonstrar que o autodidatismo como auxílio para o aprendizado de língua inglesa propicia experiências de estudo mais facilitadora e simples, leva-se em consideração que existem duas maneiras de exercer o autodidatismo: a primeira acontece a partir do momento em que o indivíduo tem o contato com o mundo externo; a segunda é quando há a instrução por meio do professor.

**Palavras-chave:** Autodidatismo. Língua Inglesa. Homeschooling.

**ABSTRACT:** In this work it was proposed to present the concept of self-teaching, the importance of the teacher as a mediator of knowledge, the storing and recalling of memories in the human brain and the interview where the object of study (the interviewee, teacher and autodidact Gilberto de Souza) shared experiences and knowledge of his own. Thus, it was sought to demonstrate that autodidactism as an aid for learning the English language acts in order to provide a more facilitating and simple study experience, taking into account that there are two ways to exercise self-study: the first happens the moment the individual has contact with the external world; the second is when there is instruction through the teacher.

**Keywords:** Self-teaching. English Language. Homeschooling.

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Inglês, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português/ Inglês e suas respectivas literaturas, na Faculdade de Ampére – FAMPER.

<sup>2</sup> Acadêmica do 8º período do curso de Letras Português/Inglês da Faculdade de Ampére – FAMPER.

<sup>3</sup> Acadêmica do 8º período do curso de Letras Português/Inglês da Faculdade de Ampére – FAMPER.

<sup>4</sup> Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Coord. do Curso de Letras/ Inglês da FAMPER - Faculdade de Ampére; Graduada em Letras/Inglês pelas Faculdades Integradas de Palmas – PR; Pós-graduada em Metodologia da Língua Portuguesa, em Docência de E. Superior; Me. Em Teoria da Literatura pela UNIANDRADE - Ctba (PR.)

## 1 INTRODUÇÃO

Com o avanço das tecnologias, ser autodidata tornou-se algo rotineiro, devido aos cursos de inglês virtuais, aulas semipresenciais e as faculdades em EAD (Ensino à Distância), um novo estilo de estudo que proporcionou uma grande polêmica, pois o homeschooling (ensino doméstico) dá uma comodidade que o ensino presencial não possui.

Sabe-se que a instrução da Língua Inglesa e Francesa tornou-se obrigatória no ano de 1809 por Dom Pedro VI. Visava-se assim, uma estratégia comercial entre Portugal, Inglaterra e a França através da comercialização de produtos e serviços, que era facilitada, uma vez que os brasileiros conseguiam se comunicar com os países aliados. O método utilizado para o ensino destas línguas denomina-se “Gramática-tradução”, no qual “[...] O enfoque do ensino e da aprendizagem girava em torno da tradução e da versão de textos literários, já que o método era usado para auxiliar os alunos na leitura destes textos em língua estrangeira. [...]” (JALIL; PROCAILO, 2009, p. 775). Ele continuou presente no ensino até meados do século XX, contudo ainda se veem resquícios dele até os dias atuais.

No ano de 1961, tornou-se obrigatória somente a Língua Inglesa no currículo escolar de escolas públicas e particulares. Ainda no âmbito educacional, também é oferecida em outros espaços como: universidades, faculdades, cursos de idiomas, entre outros.

A partir do acesso livre à língua citada acima, o aprendizado não se configura mais somente como um *hobbie* e/ou habilidade extra no currículo. No mercado de trabalho, possuir algum grau de instrução em L2 (Segunda Língua/Língua Estrangeira) - mais precisamente o inglês- tornou-se obrigatório para conseguir uma vaga em que o público e as máquinas sejam principal alvo.

Todo ser humano exerce um certo autodidatismo, que vai se perdendo com o avanço da educação formal. A educação formal, escolar já possui uma presença muito grande na vida dos indivíduos, e isso aumenta quanto mais avança a sociedade (Rodriguez, v3, 2016, p. 121)

O ensino de língua inglesa nas escolas está cada vez mais pobre, o que acaba prejudicando a captação/absorção dela. Por este motivo os alunos não aprendem nem o nível básico que é caracterizado pelo aprendizado do verbo “TO BE” (ser/estar) e

de outros vocábulos simples. Assim, a procura pelo ensino pago ou até mesmo videoaulas em plataformas gratuitas e “apps” como *YouTube*, *Duolingo*, entre outros, se tornou/ é uma prática corriqueira.

Como objeto de estudo, buscaram-se as experiências de um professor de língua inglesa residente do município de Ampére, localizado no sudoeste do estado do Paraná, que por coincidência é um utilizador do autodidatismo.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Por diversos anos a habilidade de comunicar-se a partir de uma segunda língua (L2) tem se destacado como uma ferramenta útil para os negócios e convívio social em geral.

O inglês é uma das línguas mais requisitadas que seja aprendida e/ou que se tenha domínio, já que países como Estados Unidos da América, China, Japão, Reino Unido, entre outros, lideram a economia mundial e para fazer “comércio” com eles e os demais, a Língua Inglesa é utilizada. Não é para menos que é conhecida como *business language*. Além disso, ela também é empregada na programação de máquinas e dos diversos aparelhos tecnológicos que estão ao nosso redor.

Ser um detentor de várias línguas é algo crucial, pois estamos respirando tecnologia e com isso se tem as portas abertas para o mundo do exterior e para os conhecimentos. Mais um ponto importante a ser destacado: boa parte dos estudos/pesquisas mundiais são escritos em inglês; nas especializações e graus de mestrado, doutorado e PhD, é necessária a qualificação em idiomas estrangeiros, no qual se inclui o inglês.

Desta forma, aprender maneiras de estudar um idioma de forma mais rápida, simplificada e econômica é uma tarefa de grande valia. É neste sentido que o autodidatismo entra como auxiliador no processo de ensino - aprendizagem de línguas estrangeiras, em especial, a Língua Inglesa.

O autodidatismo não é um assunto do qual se fale muito. Ser autodidata é muito importante, já que estudar por conta própria necessita do interesse da pessoa e a motivação para seguir em frente com as pesquisas e leituras. Até a ação de construir um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) torna os acadêmicos autodidatas a certo ponto, pois a busca por material de estudo, a leitura, interpretação e elaboração desta tarefa deve ser feita pelo pesquisador com algum auxílio do orientador.

A diferença entre autodidatismo e educação formal, lugar do heterodidatismo, é aquela entre o indivíduo que aprende a partir de um esforço individual e aquele que aprende através da mediação de uma instituição ou outros indivíduos (professores, mestres, etc). Sem dúvida, nenhum indivíduo aprende tudo sozinho, ou seja, sem a mediação de outros indivíduos. Ele sempre terá inspiração em outros indivíduos, seja direta ou indireta (através de livros, escritos, vídeos, etc.) [...] (Rodríguez, v3, 2016, p. 212)

O *self-studying* é de baixo custo, já que não é necessária a presença de um tutor, professor e/ou até mesmo uma instituição de ensino para aprender a estudar e ser instruído. No entanto, não é uma tarefa fácil, pois exige muita dedicação e disciplina.

Mediante a preocupação com o ensino e aprendizagem de nossos alunos nesses tempos de desejos adversos, em que o mundo globalizado/tecnológico tem muito a oferecer, e os conhecimentos vão muito além da sala de aula. (OLIVEIRA, SOUZA, p. 144, 2017)

Autodidatismo pode ser definido como “1: Capacidade de instruir-se sem o auxílio de um mentor ou de professores; 2: Característica de autodidata.” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS), ou seja, a ação de ensinar a si mesmo uma habilidade, um conteúdo, uma técnica, entre outros; colocando-se no posto de professor e de aluno ao mesmo tempo. Pode-se dizer que a frase “aprender fazendo” resume bem a atividade do autodidatismo.

A efetivação do trabalho do docente se dá a partir da transmissão de informação, baseando-se no seu planejamento e verificando o conhecimento prévio dos alunos. Mas, para que isso aconteça, há um processo sistemático a ser realizado. Os planejamentos e os métodos didáticos (prática pedagógica) - sejam eles concretos, teóricos e/ou lúdicos – assim como a organização de materiais/objetos de estudo, a pesquisa, a avaliação e o tempo destinado para todo esse conjunto de ações são a base da preparação de uma aula.

O discente, no processo de aprendizagem, necessita de motivação, disciplina, controle (sobre o psicológico e o físico), concentração, um local adequado para estudar – de preferência, calmo e silencioso –, afinidade para com o assunto abordado e tempo. Observe que o tempo é comum a ambas as partes.

Desta forma, a pessoa que se dispuser a se tornar um autodidata, terá que selecionar um conteúdo/ habilidade de interesse, organizar um método de estudo a partir da maneira de aprendizado do indivíduo, observar e avaliar o progresso

alcançado - já que não possui um “professor” para ajudar - e colocar tudo em prática através do papel de aluno.

## **NEUROCIÊNCIA E O APRENDIZADO**

Para entender como tornar-se autodidata, é preciso primeiro entender como o cérebro e as funções cerebrais se configuram para processar, armazenar, modificar e descartar informações. Resumindo: entender como ele ‘aprende’. Para isso, precisa-se entrar no campo da ciência cerebral, mais especificamente, na neurociência.

O cérebro humano armazena e evoca informações através de atividades elétricas cerebrais, que são guardadas em circuitos elétricos, estes sendo as conexões neuronais recorrentes, ou seja, ramificações das células nervosas (neurônios) (OLIVEIRA, 2014).

O armazenamento que ocorre no cérebro humano é chamado de memória. Ela é subdivida em: memória de procedimentos e memória declarativa. A primeira se configura nas memórias que usamos na rotina diária, as quais não são explicadas, apenas as realizamos sem nos darmos conta, como: escovar os dentes, tomar banho, caminhar, respirar, entre outras funções. Já a memória declarativa é aquela que evocamos quando precisamos nos lembrar de alguma situação específica, a exemplo de quando queremos recordar uma senha ou até mesmo um número de telefone. Este tipo de memória é de suma importância para estudantes, em razão de ela armazenar todos os conhecimentos adquiridos quando foram estudados.

Outrossim, temos as memórias de curto prazo. São aquelas que surgem no momento em que aprendemos algo novo e ficam armazenadas no cérebro humano durante um período muito curto até serem processadas para a seleção ou descarte. As remanescentes se tornarão memórias de longo prazo, uma forma de conservação definitiva. Para que isso ocorra, há um conjunto de neurônios e o crescimento de novos processos de sinapses neurais.

A teoria de Chomsky (“O pai da linguística moderna”) que é postulada em *Syntactic Structures* (CHOMSKY, 1959), nada mais é do que a teoria transformacional. Ela explica como é gradativo o aprendizado de uma linguagem, o qual vem antes da língua, mas também leva em consideração que todos nós temos uma estrutura em comum para cada idioma.

Chomsky leva em consideração que mesmo antes de um bebê falar ele entende a linguagem, pois ele acredita que a capacidade de falar é inata para um ser humano em condições normais.

O estudo da aquisição de língua leva à mesma conclusão. Um exame atento da interpretação das expressões logo revela que desde os primeiros estágios a criança conhece imensamente mais do que a experiência provê. Isso é verdadeiro mesmo para simples palavras. As crianças pequenas adquirem palavras numa proporção de cerca de uma para cada hora acordada, com exposição extremamente limitada e em condições altamente ambíguas. As palavras são compreendidas de modos sutis e intrincados que vão muito além do alcance de qualquer dicionário e estão somente começando a ser investigados. [...] (CHOMSKY, 1998, p. 23)

Para melhor compreensão devemos pensar no nosso cérebro como se fosse um grande armário com várias gavetas e que nelas estão todas as estruturas das línguas e os seus respectivos fonemas. O que você faz na hora de aprender nada mais é do que selecionar aquilo que será gravado em seu cérebro, ou seja, para falar, basta ser um humano sem nenhum déficit na fala e conviver com falantes da língua, assim irá aprender sem ajuda direta de alguém. Vale ressaltar que isso deve ser feito antes do período crítico, que é perto da puberdade, onde o nosso cérebro perde a capacidade de aprender uma língua de forma inata. É, então, onde precisamos ser ensinados; é quando o nosso cérebro usa a língua materna para aprender uma segunda língua. Concluindo, para uma criança apreender uma L2, simplesmente, exponha ela a conversas neste idioma.

## **A LÍNGUA INGLESA E A MOTIVAÇÃO**

Uma das grandes diferenças entre a Língua Inglesa e a Portuguesa é a pronúncia das palavras, advinda da própria fonologia e também da silabação:

Temos, em português, apenas nove tipos de articulação na sílaba que vão de V a CCVCC. Esse é o padrão silábico da língua portuguesa. E se há restrição às formas, há também aos elementos que ocupam as posições na forma. A existência de padrão, distribuição e restrição aos elementos indica que a língua não utiliza todas as possibilidades de articulação; no entanto, elas continuam teoricamente possíveis de serem utilizadas. (SOUZA, 1998, p.58-59)

Já no inglês existem “[...] até vinte e quatro tipos de sílaba, partindo de V a CCCVCCCC. A sílaba mais complexa do inglês frequentemente ocorre como

VCCCC [...] (Exemplo: sixths /'sɪkstʊs/ ou /'sɪksʊs/ 'plural de sexto (substantivo)') [...]" (SOUZA, 1998, p. 65).

Na parte que pertence à sonorização, há fonemas que pertencem à língua inglesa, mas que não são utilizados no português, como por exemplo, o fonema "θ" (Teta) e "ð" que se traduzem como os sons característicos do "TH" presente neste idioma. Além disso, a "[...] língua portuguesa pode ser considerada como sendo silábica, ou seja, a entonação e o ritmo são baseados na divisão das sílabas. [...]" já a inglesa, "[...] é baseada em "pitch", ou seja, na variação da imposição da voz sobre o tom da fala. [...]" (SANTOS; VIEIRA, 2015).

Deste modo, dependendo do sotaque, entonação inapropriada e/ou da pronúncia desleixada de letras, certas palavras como: *beach* (praia) e *bitch* (cadela), *sun* (sol) e *sum* (soma), *knife* (faca) e *nice* (legal), não terão sentido algum e/ou trocarão de significado, dependendo do contexto apresentado.

Estes são alguns dos motivos pelo qual o ensino e aprendizado da língua inglesa acabam se transformando em repetição e "decoreba", pois é necessário gravar os sons específicos de cada palavra. Feito isso, chegará um momento em que palavras desconhecidas serão lidas/faladas de forma intuitiva já que será desenvolvida uma memória implícita.

Assim, para que ocorra o aprendizado efetivo de um idioma é necessária a prática cotidiana. Observa-se que esse treino se torna uma atividade maçante para os alunos que enxergam o idioma com olhos desmotivados. Como dito pelo professor entrevistado, Gilberto de Souza (entrevista 2020)

*A pessoa precisa achar um motivo, sabe, você tem que ter um motivo pra você aprender aquilo. [...] você tem que achar... uma razão para gastar uma hora ou duas por dia pra aprender esse idioma. [...] Qual é o motivo que você escolheu pra estudar inglês? Com indiferença, você não consegue nada na vida, sendo indiferente com o inglês, só vai deixar uma marca lá na sua história que...você não conseguiu dar conta daquilo lá... tem que ter um motivo, uma razão [...]*

Nas páginas que seguem, será apresentada a entrevista realizada de forma remota, através da plataforma *Google Forms* e áudios enviados pelo aplicativo *WhatsApp*, com o professor de línguas estrangeiras, Gilberto Rodrigues de Souza.

## ENTREVISTA

### **Pergunta 1: Quando e como foi o seu primeiro contato com a língua inglesa?**

**Resposta:** *“Foi a muito tempo atrás. Ocorreu por via da música, a gente tinha se mudado do Rio Grande do Sul para o Paraná e as rádios aqui no Paraná tocavam músicas diferentes do que eu costumava, pelo menos que eu lembro, que eu ouvia lá no Rio Grande. Começou a ter mais MPB...muito mais MPB no rádio, eu lembro que tinha Tim Maia, tinha Sérgio Sampaio, Raul Seixas...tocando no rádio. Não lembro de ter ouvido esse pessoal lá no Rio Grande do Sul e...no meio disso aí tinha música americana, muita, muita... estava dominando as paradas... não só americana. O início dos anos 70 era um período que tinha muita música estrangeira, se você pegar...tinha música espanhola na parada, tinha música japonesa, italiana então... nem se fala, francesa... muita música de qualidade tocando nas paradas brasileiras.”*

*“E no meio disso tudo tinha... tinha a música americana e ela estava em uma fase assim... muito boa. Para você ter uma ideia, até a metade dos anos 70, por aí, tinha programas de rádio que colocava música dos “Beatles”, a banda tinha terminado lá em 1970, início de 70 e... 74-75 tinha rádio tocando ainda, que quando colocava nas preferências dos ouvintes, tinha música dos “Beatles”... e foi justamente aí, quando eu descobri a música dos “Beatles” que me interessou pra querer saber: “O que esses caras estavam cantando?”, porque eu achava a música muito, muito diferente de tudo que tocava, aliás tive uma oportunidade de ir a um show do Paul McCartney em Curitiba e é uma coisa ... eu acho que a sensação que eu vi num pessoal que estava por lá... um grupo de jovens... eles estavam quase em êxtase, cantando aquelas músicas como se estivessem..., como se o Justin Bieber tivesse lançado uma música hoje para os adolescentes de hoje, porque o cara velhão lá, 70 sei lá... 76 anos se não me engano que o Paul tá... e o cara cantando de uma maneira que... os caras estavam, tipo assim, hipnotizados... envolvidos. Agora você imagine, falando num negócio que aconteceu... 50 anos atrás... então quando o cara cantou “Hey Jude”... aquele Couto Pereira, o estádio lá de São Paulo...de São Paulo não, de Curitiba, ele... nossa! O cara quase nem cantava, era a plateia que cantava e... e uma música muito antiga essa aí, então... ela exerce um fascínio muito grande e comigo não foi diferente.”*



**Pergunta 2: Você comentou uma vez que havia saído da escola por conta própria. Como foi essa experiência?**

**Resposta:** *“Tem que passar/traçar um pano de fundo, desenhar um contexto para isso aí. Acontece que meu pai e minha mãe tinham se separado em 1973 oficialmente. A gente se mudou pro Paraná em 70, em 73 meu pai já morava em outra cidade e minha mãe morava em noutra e daí nesse contexto todo aí, a gente convivia com as ideias predominantes na época, por exemplo: se você estudar até a 8ª série, você não precisa mais estudar, vai arranjar um emprego e vai conseguir fazer as coisas.”*

*“E a gente estava com essa mentalidade aí, terminava a 8ª série, parava de ir na escola. A escola não tinha muita atratividade, até hoje quando os alunos abordam esse negócio de evolução da sala de aula, a sala de aula é uma das coisas que menos mudou nesses últimos tempos, na média mudou muito pouco, continua sendo uma carteira atrás da outra. Aqui, pelo menos, nas minhas turmas, eu gosto de utilizar o formato de ferradura, faz tipo um ”U”, na ideia que todo mundo consiga ver o seu colega, mas a maioria das escolas ainda lida com as carteiras, um quadro lá na frente e, ainda é um quadro de giz, tem escola que nem chegou no quadro branco com aqueles canetões e etc.; algumas vão demorar muito tempo pra chegar a ter um projetor e quando se está falando, por exemplo, eu trabalho com lousas interativas desde 2009 e eu não vejo por aí, ninguém utilizando lousa interativa. Então essa experiência de sair da escola foi uma coisa muito natural, meus amigos faziam, tipo assim: “eu me governo, é nisso que vai dar, não precisa ficar saindo de casa a noite para estudar, fico assistindo futebol na TV, e blá, blá, blá.”*

*“Então, era uma coisa meio inconsequente, mas era retrato do que estava acontecendo. E naquela época, tudo se movia muito devagar, o Brasil parecia que não tinha dinamismo, era um negócio muito arrastado. Quando você via um amigo seu que conseguia um emprego, todo mudo celebrava, porque não tinha emprego para quase ninguém, era novidade. O segredo era - quisesse trabalhar em um escritório – fazer um curso de datilografia, sentar na máquina lá posicionar os dedos “A-S-D-F-G-C-L-K-J-H” e fazer todos aqueles exercícios pra conseguir o certificado que ia te ajudar a conseguir um emprego.”*

*“Aí, no meio disso tudo aí, eu não... por uma questão pessoal mesmo, eu não me dava bem com ‘escola’ não, eu precisava ser rebelde, acho que estava com alguma coisa borbulhando sabe, na sociedade brasileira que... que queria mudança. Hoje, olhando pra trás eu consigo pensar desse jeito, mas não naquela época (dando*

*risada). E... então todo mundo era meio revoltado, meio briguento, contestador, vivia-se numa opressão assim... a gente sentia sutilmente porque é uma cidadezinha do tamanho de uma caixa de fósforo, então não se via grandes repressões assim.... a gente sentia no ar alguma coisa, mas não... não a nível pessoal.... algo invasivo, alguma coisa assim, não! Então... essa experiência... chegou uma época lá que... 7ª série eu resolvi que não ia mais pra escola não. Mas sempre estudei muito! Antes de me afastar da escola, comecei a estudar em casa, acho que eu fazia mais progresso, aí comparado com quando eu estava lá e eu olhava pro certificado e dizia: “o que eu vou querer com certificado, não adianta querer um negócio desses”, então parei de ir na aula e comecei a estudar só em casa. Eu trabalhava como marceneiro e pintor em uma fábrica de móveis e usava todo o meu dinheiro para comprar livros, alguns desses livros eu tenho até hoje.”*

**Pergunta 3: O inglês faz parte integral da sua vida. Quando começou a se interessar pela língua, quais eram seus métodos de estudo?**

*Resposta: "O inglês faz parte integral da minha vida sim, todo dia eu ouço rádios do exterior. Eu faço assinaturas de revistas, hoje elas são digitais, mas ainda tenho pilhas e pilhas de revistas de 1983, quando eu fazia assinatura da revista Time e Nova Iorque. Tenho todas elas guardadas até hoje, porque era um material rico para estudar. Então, realmente, grande parte da música que ouço é em inglês. Mais canções lá de 80/90. Eu gosto muito. Raramente alguém me surpreende nos dias de hoje com música em inglês. Mas faz parte, bastante. Então, eu comecei a me interessar pelo inglês por causa da música, principalmente os Beatles e o Elvis Presley. Eu queria saber o que aqueles caras estavam cantando. Método? Não tinha método nenhum! Nem os professores pronunciavam as palavras direito... O trabalho deles era... considerando a precariedade que a gente vê hoje no pessoal que se forma em Letras. Em uma certa época a gente até tirava sarro daqueles professores da época de 70, 75-76. Hoje olhando, você tem que pedir desculpas para os caras, porque comparado com a precariedade daquela época, o que eles conseguiam fazer era muito bacana, comparado com hoje, do jeito que o pessoal sai das faculdades de Letras.”*

*”Método não tinha coisa nenhuma, eu inventei a minha maneira de aprender inglês, que foi através da música. Consistia, basicamente, você pegar, ir na casa de um amigo que tinha toca disco. Como eu não tinha toca discos... tinha no bar do meu*

*pai, uma caixa cheia de discos, aí tinha disco de Bolero, Guarânia, Rancheiras Mexicanas e tudo mais...e eu copiava tudo! Copiava os nomes das músicas em espanhol, italiano, inglês e ia pra casa traduzir. Pegava o dicionário por reembolso postal. O pessoal não faz nem ideia do que é reembolso postal. Era assim, vinham os cupons na parte de trás dos livros ainda tenho um montão daqueles livros que tem o cupom atrás pra você colocar: “Não é necessário selar este cupom”. Aí você escolhia o teu livro, colocava o código e mandava. Aí ele chagava pelo correio, para o teu endereço. Você ia no correio, pagava a mercadoria e retirava o livro. Tenho muitos desses livros comigo até hoje. São meus amuletos. Não me desfaço deles! Não dou pra ninguém e ficam guardadinhos aí. Foi uma travessia demorada, lenta, tipo as Águas de Niágara Falls correr as pedras e formar aquela ferradura que tem lá. Foi um trabalho lento e muito vagaroso. Mas que me ensinou bastante. A ter persistência, a tentar eu achar as respostas (explicações), ser mais dedutivo em relação ao que estava estudando. Então, consistia no seguinte: eu ia lá, copiava o nome das músicas, ia pra casa e traduzia. Não tinha nada que ajudasse efetivamente. Os livros da escola um pouquinho, mas fora isso, era tudo muito precário. Não tinha nem calçamento na cidade!”.*

**Pergunta 4: E agora, quais são seus instrumentos e métodos para continuar se aperfeiçoando no idioma?**

**Resposta:** *“Então, naquela época quando eu comecei, era basicamente writing, tinha que escrever, repetir... Hoje o mundo não pode reclamar das tecnologias que estão disponíveis para quem está disposto a estudar um idioma estrangeiro. Porque tem tanta coisa bacana, tanta gente produzindo coisas e colocando na Internet que ficou uma maravilha! Hoje você tem muita coisa a disposição e alguns desses caras que dão esses cursos, essas dicas pela Internet, você pode até escrever pra eles, eles vão fazer um comentário sobre aquilo e vão te explicar. Naquela época não tinha nada disso! Era um silêncio muito grande nessa parte. Não tinha com quem tirar as dúvidas. Eu colecionava livrinhos de música e tinham uns “nomes”(palavras) que eu não dava conta de traduzir e levava para os professores. Muitas vezes estava certinha a tradução. Hoje, olhando de volta, eu recordo algumas gafes que eles cometeram também (dando risada).”*

*“E então, essa questão de ser auxiliado, de ter bastante ‘feedback’ era uma coisa muito difícil. Não era todo dia que tinha aula de inglês na escola, você não via*

*quase sempre o seu professor. Então, hoje, do jeito que está o mundo, ficou muito fácil você estudar um idioma. Minha teoria é que as escolas de idioma vão sumir do mercado. Acho que essas grandes cadeias de idiomas não vão se aguentar aí desta forma, porque muita gente está migrando pra este tipo de aula e está aprendendo a como lidar com isso, a como aprender um idioma sozinho. Mas basicamente, o que faz parte da minha rotina hoje é o 'listening'. Então através do 'listening' você presta atenção, você ouve a pronúncia, você pega a palavra naquele contexto e você aprende a utilizar sem precisar ficar escrevendo. Escrever tem o seu papel. Eu adorava escrever. Eu pegava uma frase lá naqueles livros de gramática que eu fui comprando e eu ia fazendo tudo, fazia todas as perguntas que eles propunham, respondia tudo por escrito, e acho que isso aí ajudou a fixar bastante. Aliás, eu vi um artigo acadêmico, dizendo que... Não, não foi um artigo acadêmico, foi um estudo desenvolvido dizendo que a pessoa fixa mais aquilo que ela escreve. Então quando tem que escrever alguma coisa, anotar, fazer anotações, a pessoa vai gravar com mais rapidez aquilo lá, vai ficar mais tempo na memória dela."*

**Pergunta 5: Quais foram as suas maiores barreiras para conseguir aprender a língua inglesa?**

**Resposta:** *"Quando se pergunta a respeito das maiores barreiras pra conseguir aprender a língua inglesa... A barreira são os meios, os instrumentos que você tem pra fazer isso. Naquela época tudo era muito precário. Eu lembro que quando eu encontrei uma frase lá da Divina Comédia, do Dante Alighieri... tem uma parte lá, no canto número cinco, se não me engano, do Inferno e ele fala assim: "Nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miseria", que é um negócio assim...: "Não existe dor maior do que ficar se recordando do tempo feliz que vivíamos na miséria.". E esse viver na miséria, querer transpor, passar aquele portal, aquele mundo de limitações, eu acho que te EMPODERA, sabe? Tem gente que acaba desistindo quando vê a tarefa, mas quem quer passar daquele estágio, vai ficar tentando achar uma forma de fazer isso aí. E a minha foi... talvez tenha sido a consistência de não desistir, não deixar de continuar... fazendo... aquilo que eu queria fazer. Então as maiores barreiras são isso aí: limitações de meios para estudar... Se você não consegue adquirir bons livros... Hoje, por exemplo, eu tenho um material aqui que dá pra estudar russo, dá pra estudar chinês, japonês... eu tenho material de alemão, de italiano, espanhol, tenho grego, que eu estou estudando, estou estudando grego..."*

*estou estudando também hebreu. Quando a gente for pra Israel, quero ver se eu faço a conversação. Sei que com o inglês resolve tudo, mas é muito bom você chegar no local e você falar o básico lá daquele país. Então, hoje eu tenho os meios, hoje você tem o conforto, você cria uma rotina de estudos e consegue segui-la e você atinge os resultados, atinge os objetivos, então acho que a grande barreira foi a pobreza, mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, foi também o grande motivador, porque você queria cruzar do outro lado e ver o horizonte no outro lado. No início era uma coisa gratuita, não era ganhar dinheiro, não era nada, era só para aprender. Fazia tudo que fazia, gastava meu dinheiro de carpinteiro comprando livros, mas era só pra aprender. Não passou a mínima ideia na minha cabeça de que um dia eu ia ser professor de inglês. O objetivo era aprender uma coisa bem aprendida. Com o tempo e as necessidades que a gente tem, vai crescendo, vai arranjanado namorada... então você tem que dar uma certa resposta!”*

**Pergunta 6: Qual a maior gafe que cometeu com a língua inglesa?**

**Resposta:** *“(Lendo a pergunta e dando risada) – Bom, a gente dá bastante risada quando acontece com os outros, mas eu acho eu sou a minha maior vítima, viu? Porque quando eu lembro do que aconteceu comigo, não apenas em inglês, em outras situações também, eu dou muita risada, porque... é muito engraçado! Não é só engraçado o que acontece com os outros, não! O que acontece com a gente é engraçado também. Mas, eu estava indo fazer... 99 (1999) quando eu tinha... bom eu já estava morando em Ampère nessa época. Eu tinha botado na cabeça que eu não ia mais trabalhar no Banco do Brasil, eu era funcionário, passei num concurso e... estava uma época muito controversa lá dentro e diziam que o Fernando Henrique Cardoso queria vender o banco e... não era... não era um ambiente bom pra trabalhar. Nunca tive paz ou tranquilidade e felicidade trabalhando nesse local. E sempre umas razões me faziam ficar, sabe? Eu passei no concurso pra professor do Estado nas duas disciplinas, eu era o primeiro no Núcleo de Beltrão pra assumir o concurso. Eu passei nas duas, em primeiro lugar: Português e inglês. Mas eu era funcionário do Banco do Brasil. Aí ouve denúncia aqui de... hoje, há uns poucos dias, o cara que era documentador do Estado naquela época me falou assim ó: “Que não era preciso eu ter desistido dos dois concursos, que eu poderia ter ficado.”. Só que ninguém na época me avisou. Tinha muita gente querendo... achando que eu ia tomar a vaga deles e daí... porque se eu era o primeiro a escolher, e se eu decidisse ir pra Beltrão, pegava,*

*eu era o primeiro a escolher lá em Beltrão as aulas e o primeiro a escolher inglês, mas eu tinha decidido ficar por aqui. Mas acabou gerando um efeito dominó, acho que as vagas aqui, eu ia tentar pegar essas aulas daí acabou não dando certo. Fui lá, desisti dos dois concursos e continuei só com o Banco do Brasil. E essa foi a maior bobeira que eu cometi. Porque tinha gente lá dentro que convencia que os nossos salários iam melhorar bastante, que a gente ia recuperar todas as perdas que a gente teve e, que ia ficar bom e eu iludido lá, ficava né. Até que... e eu trabalhava muito naquela época, trabalhava muito, muito, muito... e estudava bastante também. E... daí me bateu sabe, que eu sou meio, meio lento, mas de vez em quando bate uns lapsos assim de...perspicácia e tudo mais... e daí me ocorreu o seguinte: se eu trabalhar pra MIM, lá fora, do jeito que eu trabalho, sem receber a remuneração adequada aqui, que eu trabalho pra essa empresa, não tem como dar errado. Eu vou me dar bem. Daí eu decidi sair... e o pessoal me chamava, me xingava, dizia que eu era louco, que ninguém nunca deixou essa empresa e que eu ia me arrepender pro resto da vida... Não me arrependo, olha, foi uma das coisas mais acertadas que eu fiz na vida, então aquele lapso que ocorreu no 'lerdão' se provou verdadeiro. Foi a melhor coisa que eu fiz, foi sair dessa empresa e... porque não tinha lugar pra mim lá dentro, eu que estava no lugar errado... não tinha nada de errado com eles lá, eles eram daquele jeito, eu que demorei pra entender que as coisas eram daquele jeito. Então... o cara que estava no lugar errado... Pensa bem: um professor de literatura, de inglês, com tendência a ser meio artista, desenhista, alguma coisa, trabalhando, vendendo seguro de casas e, se bem que eu fazia isso aí, sem problema nenhum. Mas não era aquilo que você foi talhado pra fazer, então o meu lugar não era lá. Que sejam felizes lá do jeito deles e eu busquei a minha saída em outro lugar."*

*"Então, eu tinha decidido ir pra Londres... mas assim, de peito aberto, sem ajuda de ninguém, não entrei em grupo. Eu entrei em contato com uma escola de idiomas, desculpe, entrei em contato com essas agências de intercâmbio e... eu queria Londres, queria a raiz do inglês, queria ir lá, não queria esse negócio de Estados Unidos não! Pessoal acha que o inglês é os Estados Unidos, né... mas na verdade inglês é Inglaterra. Pra mim até hoje é bem claro isso aí... e daí eu escolhi o berço. Vou lá pra Londres, mas sem grupo, não quero ajuda de ninguém, vou eu sozinho, vou eu passar na imigração, fazer todo o 'talking' na companhia aérea lá, pegar taxi, tudo! Peguei e fui! E... só que o nosso avião ficou na Alemanha. Uma noite nós tivemos que dormir lá. Teve troca de aeronave e assim, era pra ser direto pra Londres, mas*

*daí acabamos tendo que ficar em Frankfurt na Alemanha. E aí eles foram bem claros, dizia bem claro l: que era duas horas, que Lufthansa, a empresa aérea alemã exigia que você estivesse lá pra fazer o check-in .... e eu cheguei, tipo assim, uma hora e meia atrasado. Daí já tinha terminado o check-in, aí não pude entrar no voo e daí, nesse "chegar atrasado" aí, eu... correndo com as minhas malas né, andando rápido lá pelo aeroporto de Frankfurt... aí cheguei na imigração, daí aqueles policiais lá, federais deles lá... e eu, mas sabe, cansado de andar rápido e carregando peso, nem prestei atenção no que o cara falou. O cara falou alguma coisa lá, aí eu olhei pra ele e ele falou... eu falei assim: 'In English, please sir', daí ele olhou pra mim assim e falou (imitando com sotaque alemão): 'Sir, I am speaking English'. (Dando risada) Até hoje, quando eu lembro daquela cena me dá vontade de dar risada, porque foi uma coisa muito... muito... muito engraçada! O cara falou... porque os alemães eles falam com um sotaque diferente o inglês... (Falando inglês com sotaque alemão) 'It's very interesting', então... essa gafe aí foi a melhor do catálogo."*

**Pergunta 7: Quais dicas você tem para quem não consegue apreender uma segunda língua?**

**Resposta:** *"Olha se eu estivesse nos meus dias de sarcasmo eu diria: Para de estudar essa língua aí e vai fazer outra coisa (rindo) viu, porque isso não é pra você... mas na verdade, levando com seriedade a coisa... qualquer pessoa pode aprender o idioma. Agora... vai ter que passar por aquele túnel que tem umas 700 ou 1000 horas de estudo pra você fazer isso aí, parece muito, mas não é... A maioria dos meus alunos consegue com 500 horas, os caras dão conta de ficar fluentes no idioma... Então, a pessoa tem que criar uma disciplina e, mesmo, eu já vi gente que não gostava muito do inglês, mas por força da necessidade e o fato de ter uma empresa e querer fazer negócios, acaba aprendendo sim!"*

*"Então as dicas são: Arranje alguém com quem praticar, se você estuda sozinho e descobre alguém que também gosta de praticar, faça isso. Eu lembro que quando eu morei em Capanema, tinha um colega lá que também era autodidata e... então a gente fez um trato assim: vamos passar o dia inteiro falando inglês. E, então quando ele vinha e a gente começava a conversar... e, por exemplo, o combinado era o seguinte: se chegasse em uma palavra que a gente não soubesse em inglês, a gente simplesmente ia utilizar a palavra em português. Se o outro soubesse daí falava aquela palavra em inglês. Então... e as que a gente não soubesse, a gente pegava,*

*anotava e depois ia procurar. E... então tem que ter disciplina pra... achar alguém que também goste pra você praticar.”*

**Pergunta 8: Como autodidata e professor de Língua Inglesa, quais dicas você dá para os interessados em estudar esse idioma, bem como se profissionalizar?**

**Resposta:** *“A pessoa precisa achar um motivo, sabe! Você tem que ter um motivo pra você aprender aquilo. Eu já tive gente assim que, por exemplo... sempre os professores de História... coitados dos professores de História, né? Chegou um lá em Realeza, e falou: “Eu detesto inglês! Meu negócio é espanhol!”. Ele é professor de História e falou: “porque esse idioma é do mundo capitalista, dominadores, escravizador e não sei o que lá... eu DETESTO! Eu gosto de espanhol.” Eu também gosto de espanhol... e embora eu também, você pode olhar em alguns momentos e dizer que esse pessoal que foi explorador e tudo mais tem as marcas dele aí, deles que não dá pra negar na história... se você pegar a Índia, colonizada pela Inglaterra... foi super explorada, mas... por outro lado, os ingleses, por onde eles passaram, deixaram rastro de progresso, né? Quando você vai pro Canadá e você vê... o que eles deixaram, você vai pra Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos... eles deixaram um rastro de progresso que está lá, é incontestável. Não foi somente exploração, teve desenvolvimento também. Você vai pra Hong Kong, você tá na China, daí você vai pra Hong Kong, você vê a diferença. É um negócio muito, muito bacana.*

*“Então, você tem que achar... uma razão para gastar uma hora ou duas por dia pra aprender esse idioma. Qual é o motivo? Por qual motivo você vai precisar, você vai se refugiar... como eu conheço muitos professores, que se refugiam nessa profissão assim: “Ah, é bacana. Toca musiquinha” e, na verdade, nunca... não sabe nem sequer UMA música em inglês, não sabe nem (cantando uma música) ‘If you’re happy and you know it, clap your hands’ ou qualquer outra musiquinha daquelas... ‘Old McDonald had a farm’... se você não pagar esse preço, você vai ser... vai ser igual os outros. Então tem que ter um motivo! Qual é o motivo que você escolheu pra estudar inglês? Com indiferença, você não consegue nada na vida. Sendo indiferente com o inglês, só vai deixar uma marca lá na sua história que... você não conseguiu dar conta daquilo lá... tem que ter um motivo, uma razão e... as vezes você não gosta muito da pessoa, mas tem que trabalhar com ela e a pessoa as vezes é talentosa, o único problema é que você não gosta dela!... e são muito talentosos, né? Então não tem como você negar. Eu não sou fã do Neymar. Não gosto dele assim como pessoa,*



*mas o cara tem um talento... formidável, né?! Queria ele no meu time! Porque o cara, embora muita gente não goste dele, o cara faz um trabalho bom!”*

*“Olha, esse negócio de ser autodidata tem um... tem preços a pagar, sabe? Tem situações que precisam ser avaliadas... por exemplo, você pode fazer um progresso muito rápido estudando sozinho, faz um progresso....nossa! Muito, muito mais rápido que se você estivesse com uma turma, mas por outro lado, você... você só tem você com quem praticar, né? Se você tá num grupo, pelo menos a outra pessoa te força a pensar em alguma coisa, porque a surpresa... a IMPREVISIBILIDADE da comunicação... é o que torna isso aí mágico, porque se você vai para uma cidade, pra Toronto, praticamente todos os anos... só não aconteceu esse ano aqui por causa da pandemia... quando você chega lá você pode até se preparar achando que o cara vai te fazer tal pergunta e o cara faz uma totalmente diferente (dando risada). Então, você tem que tá preparada. Mesma coisa, você vai fazer uma atividade em dupla com um colega seu e o cara não vai direto na conversa seguindo os modelos... ele vai e faz um outro tipo de pergunta... e o teu cérebro dá uma patinada, né? Porque não estava esperando... só que essa patinada... é o começo da reação, porque ele vai começando a ter consciência de que as coisas são variáveis... ela não segue uma forminha assim de 1, depois o 2, depois do 2 vem o 3 e é tudo certinho. Não! É imprevisível! A comunicação é imprevisível, então você tem que se preparar.”*

*“Essa ideia de se profissionalizar é muito interessante, porque eu já tive professores com currículos diferentes aqui, trabalhando na escola. Teve gente que foi pra Inglaterra e Estados Unidos e fez um cursinho, mas não era formado na área; tem gente que estava morando lá num determinado país, voltou e começou a trabalhar com a gente e/ou que seguiu a carreira de professor, se formou tipo na Unioeste e trabalha com a gente. Então, hoje eu faço questão que eles sejam formados na área, mas também que dominem o conteúdo deles. Porque tem gente que tem um domínio muito grande, embora não seja formado, que é incontestável, não tem como você tirar a credibilidade da pessoa. Então, tem testes internacionais que dá pra você fazer, você pode agregar... Você não faz ideia das coisas que eu fiz! Sabe aqueles cursinhos de correspondência, tipo Instituto Universal Brasileiro? Tem um que é lá do Rio Grande... é Instituto Padre Rois lá, Padre Reus.... tenho até hoje os joguinhos de livro deles. Tenho os testes que eles me mandavam fazer, que eu respondia e mandava pelo correio pra eles lá. Então, eu achava tudo que motivo pra continuar estudando e*

*TESTAR o que eu tinha aprendido... pra continuar nisso aí... você tem que estar no teu papel ativo.”*

*“Então se você vai correr o risco de entrar numa sala de aula com alunos, as vezes que, já viajaram para o exterior e tudo mais, você tem que ter domínio do conteúdo. Eu conheço gente que nunca tinha saído do país, mas que... quem chegava pra conversar era como se estivesse falando com um americano, uma americana... Tem um caso de uma menina ali de Realeza, por exemplo, que ela era apaixonada pelo inglês e quando ela foi estudar inglês na Irlanda... tentaram colocar ela nos grupos lá e ela não tinha o que aprender com os caras. Chamaram ela lá na direção e falaram: “Ó, não tem o que a gente ensinar pra você, então eu não sei o que você quer fazer... a gente quer devolver o teu dinheiro porque não temos nada pra ensinar pra você.”. Daí ela ficou triste né (dando risada). Daí eles falaram assim: “Ou você gostaria de ser professora aqui na nossa escola?”. Veja, a menina nunca tinha saído do Brasil, primeira experiência dela no exterior... só que ela se dedicou tanto, tanto aquela lá, que ela ficou.... ficou uma americana, ficou uma irlandesa.... ela era fluente no idioma sem nunca ter deixado o país, só que era apaixonada pelo que fazia! Largou, trancou...abandonou... no último ano a faculdade de direito, ela ia se formar advogada e até hoje tá morando na Irlanda, não voltou mais pro Brasil porque era o que ela queria. Então, você investir nisso, nessa formação, aprender o máximo que der, aprender expressões, música, tudo, tudo que der!... porque tudo tá construindo um ser que pode ajudar muito mais os outros porque ele tem conteúdo. Eu continuo aprendendo o tempo todo, porque o inglês é utilizado para a tecnologia. Está sempre aparecendo no idioma inglês expressões novas e você tem que se atualizar. Eu acho um risco para um profissional!”*

*“Às vezes é preciso fazer isso daí, ter um lance ousado, não pode viver de medo. Mas, tem muitos alunos que estão dentro das escolas por aí que eles sabem muito viu? Então, é um risco pro professor não se preparar. Então... é preciso investir na formação, é preciso correr atrás das novidades, se informar e ficar sempre de olho nas mudanças. As mudanças estão ocorrendo o tempo todo. Então, agora, olha, embora possa parecer uma ameaça aí, todo esse sistema que tá acontecendo do ensino a distância, também é uma oportunidade. Então, é preciso se especializar!”.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o conhecimento é formado a partir de informações que foram estudadas a fundo e acumuladas para construir um "todo". Informações podem ser encontradas em todo lugar, mas o conhecimento só surge a partir do "exercício". Os acadêmicos/teóricos/estudiosos, são os que "exercitam". Desta forma, eles criam e distribuem "conhecimentos" para que outras pessoas façam uso proveitoso. Afinal, com informações, que ficam desconectas, não é possível desenvolver ideias, conceitos para uso e benefício coletivos.

A partir das publicações de estudos os acadêmicos constroem-se seres humanos pensantes, contribuem para o desenvolvimento de novos pensamentos/concepções no mundo, para ultrapassar obstáculos sociais e científicos, podem até abrir caminho para o sucesso pessoal.

A diferença entre estudar por conta própria e ter o auxílio de um professor é que: com o docente tem-se um feedback maior, pois ele será mediador de conhecimento base a caminho de ampliação.

Exercer o autodidatismo é algo inato do ser humano, mas que tem suas dificuldades, ou seja, chegará um momento em que a pessoa precisará ter contato com outras linhas de pensamento para o conhecimento se tornar múltiplo porque sozinho, ele fica limitado.

Autodidatas tem seu valor único, pois são pessoas altamente capacitadas pela experiência e pela busca de conhecimento de forma individual. No cenário social, nota-se a existência de incredulidade por parte dos diplomados em relação aos autodidatas, visto que os primeiros passam vários anos estudando e se esforçando para conseguir o "grau" que lhes dá estabilidade, enquanto os segundos, talvez por não terem condições, buscaram *self-education*, a qual não transmite uma imagem tão confiável.

Quando se cria e se absorve a ideia de que o diploma é a "tarja" que define a pessoa como inteligente e qualificada, acredita-se que o indivíduo pode dar e ter opiniões em uma discussão. Dizer que uma pessoa não portadora de diploma é desqualificada ou incapaz de transmitir princípios válidos, não passa de um equívoco enorme, pois esses indivíduos possuem o conhecimento de mundo.

Quando não há junção entre autodidatismo e a instrução das instituições de ensino, acontece de o aprendizado ficar incompleto. Boa parte dos alunos/acadêmicos

se tornam estudantes acomodados, que só buscam ler o que o professor passa ou manda estudar. Quem procura instruir-se sozinho encontra a independência intelectual e busca autores onde e quando pode.

Percebeu-se, portanto, que segundo os autores citados aqui, como: Chomsky, Santos, Vieira entre outros; também pela entrevista do professor Gilberto de Souza, qualquer ser humano tem a capacidade de praticar o autodidatismo, no entanto, para isso precisa-se de objetivos, metas, disciplina, determinação, autoconfiança e motivação. Conjuntamente, deixa-se evidente que o papel do professor como mediador, principalmente quando se trata de mediar conversas em uma língua estrangeira, tem uma grande valia, pois quanto mais agregar no nosso autodidatismo melhor será.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

(S. a.) **Autodidatismo - Dicio, Dicionário Online de Português.** (s.d.). Acesso em 01 de abril de 2020, disponível em Dicio, Dicionário Online de Português: <https://www.dicio.com.br/autodidatismo/>

CHOMSKY, Noam. Primeira palestra. In: Chomsky, Noam. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas.** Brasília – BR: Editora: Universidade de Brasília, 1998, p. 18. Disponível em Docero: <https://docero.com.br/doc/nsc88s>

JALIL, Samira Abdel; PROCAILO, Leonilda. **Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras: Perspectivas e Reflexões sobre os Métodos, Abordagens e o Pós-Método.** In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO–EDUCERE e III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná. Anais [...]. Brasil: PUCKPR, 2009. Tema: Didática: Teorias, Metodologias e Práticas, p. 774-784. Acesso em: 07 de março de 2020. Disponível em EDUCERE: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2044\\_2145.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2044_2145.pdf).

NASCIMENTO, Ana; J.ZACCHI, Vanderlei. **Formação docente em Língua Inglesa: diferentes perspectivas,** 1 ed., Campinas-SP, Brasil. Editora: Mercado Letras, 2019.

NUCAMENDI, Maria-Elena Llaven. **Autonomy in learning languages:** what students, teachers and authorities in an institution of higher education understand by autonomy in language learning. 2009. Thesis (PhD English Language Teaching) - Department of Language and Linguistics, University of Essex - Colchester, England, 2009. Disponível em Ethos e-theses online service: <https://ethos.bl.uk/ProcessOrderDetailsDirect.do?documentId=1&thesisTitle=Autonomy+in+learning+languages+%3A+what+students%2C+teachers+and+authorities+in+>

an+institution+of+higher+education+understand+by+autonomy+in+language+learnin  
g&eprintId=499799

OLIVEIRA, Gilberto Gonçalves de. Neurociências e os processos educativos: um saber necessário na formação de professores. **Educação Unisinos**. Uberaba, MG, v. 18, n. 01, jan./abr., 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/edu.2014.181.02/3987>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

RODRIGUEZ, Leon. Autodidatismo e educação escolar. **Marxismo e Autogestão**. v. 3, n. 5, p. 121-127, jan./jun. 2016. Disponível em Docplayer: <http://docplayer.com.br/63636208-Marxismo-e-autogestao.html>

SANTOS, Elaine M.; VIEIRA, Camila A. C. **Fonética do Inglês**. Curso de Fonética da Língua Inglesa. Data completa 2015. Notas de Aula. Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: [https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17041110112015Fonetica\\_do\\_Ingles\\_-\\_Aula\\_01.pdf](https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17041110112015Fonetica_do_Ingles_-_Aula_01.pdf)

SANTOS, Eliana Santos de Souza e. O Ensino da Língua Inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n. 01, dez., 2011. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/99/166>. Acesso em: 24 de março de 2020.

SILVA, Antonio Ozaí da. Sobre o autodidata. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 128, p. 168-170, jan., 2012. Disponível em: <https://doaj.org/article/1f6faafc959847eb8a937393cd859de5>. Acesso em: 21 de maio 2020.

SOUZA, Ana C. de. **Estrutura silábica do português brasileiro e do inglês americano**: estudo comparativo. 1998. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/77538/139320.pdf>

SOUZA, Arlei da Silva. O processo de aquisição de um segundo idioma em crianças e Adultos. **Revista Estação Científica**, Juiz de Fora, n. 14, jul./dez, 2015. Disponível em: [https://portal.estacio.br/docs%5Crevista\\_estacao\\_cientifica/08-14.pdf](https://portal.estacio.br/docs%5Crevista_estacao_cientifica/08-14.pdf)

VALVERDE, Antonio José Romera. **Pedagogia Libertária e Autodidatismo**. 332 f. Tese (Doutorado em Filosofia e História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253891>. Acesso em: 09 jun. 2020.